

## APRESENTAÇÃO

“Não podemos compreender plenamente o sentido da filosofia grega se desligamos o filósofo da pólis”. É com palavras tão marcantes que o Professor José Américo Motta Pessanha abre o primeiro capítulo de seu trabalho sobre *Empédocles e a Democracia*, tese escrita em 1965 para concurso de provimento da cátedra de História da Filosofia da Faculdade Nacional de Filosofia, FNFfi, da Universidade do Brasil, e que só hoje, 40 anos depois, chega ao conhecimento do público, na seção Arquivo de *Kléos*.

Em linguagem clara e concisa, José Américo nos dá conta de como em Empédocles temos um momento *ímpar* na filosofia grega, no qual a defesa da democracia se “fundamenta nas raízes mesmas da realidade” e onde “democrático é o governo do *kosmos*”, e nesse contexto é, pois, “missão do filósofo, lutar por democratizar a pólis, integrando-a na *harmonía* universal”.

Contraopondo Empédocles a Parmênides e a Heráclito, à “*hýbris* terrível” da via da verdade parmenídica e à “loucura” solitária do *lógos* heraclítico que deixa de “medir a realidade para ser ele próprio a realidade”, a medida humana, a *isonomía* das raízes, mostrar-nos-á como, em Empédocles, a verdade é aquela que pode ser compreendida pelos mortais, e que, como condição humana, expressar-se-á na verdade enunciada pelo diálogo, prenunciando, assim, a maiêutica socrática e o diálogo platônico.

Em uma interpretação genuína do filósofo de Agrigento, José Américo, criticando o “sociologismo à Escola Sociológica Francesa”, que fundamenta diversas interpretações clássicas, em especial a de F. M. Cornford, valer-se-á, em sua análise das *Purificações* e do *Sobre a Natureza*, da pluralidade de imagens aí contidas – do mundo biológico, das invenções da técnica, do trabalho dos artistas, da medicina, da matemática –, para mostrar que a “visão de mundo dos primeiros

filósofos gregos” não pode ser reduzida e explicada a partir da causalidade social, mas deve ser clarificada por essa pluralidade imagética que exprime a experiência humana de modo mais largo e diversificado. É, pois, libertando-se do contexto “sociologista” que José Américo Motta Pessanha nos desnuda um Empédocles e uma Agrigento, não “pré-socrático” nem “primitiva”, mas um filósofo e uma pólis onde a “ação conjugada de *Nékos* e *Phília* parece sugerir a própria imagem da pólis democrática como luta permanente”, onde a *isonomía* é resultado da pluralidade de tensões, seja no cosmos, seja na cidade.

Desse modo, nada poderia soar mais oracular no ambiente brasileiro dos idos de 1964-1965: a tese, que nunca chegou a ser defendida, bem como a possibilidade do convívio *paidêntico* com o Professor José Américo foram abortados por sua aposentadoria precoce, aos 36 anos, imposta pelo Ato Institucional nº 5, em 25 de abril de 1969. Entretanto, se a antiga Universidade do Brasil e a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro muito perderam com o vazio deixado por sua ausência, que poderia ter sido um solitário exílio, mas que foi sabiamente transformada em *práxis* exemplar, porque exercício onde *érgon* e *physis*, *meléte* e *epistéme* conjugaram-se com a ação da filosofia: o filósofo que não pode abandonar sua cidade porque abandoná-la seria entregar-se ao desastre de um “*lógos mónon atekhnós*”<sup>1</sup>, à solidão do discurso, e, fiel ao diálogo e à pólis, trará “os filósofos de volta à praça”, deixando-os disponíveis em cada esquina onde estivesse plantada uma banca de jornal. É claro que aqui estamos sublinhando a importância da *Coleção Os Pensadores* no cenário filosófico brasileiro dos idos de 1972, projeto gestado e implementado pelo Professor José Américo que, em um momento de crise, devolveu a filosofia ao seu lugar de origem – a cidade.

A importância da publicação de *Empédocles e a Democracia* consiste não só na oportunidade de conhecermos um pouco mais a história de nossa universidade e da formação, no Brasil, dos Estudos Clássicos, mas, sobretudo, na possibilidade de compreendermos o valor atemporal da filosofia. O que nos fascina no texto e na personalidade do professor e do classicista que foi José Américo é o tom dialogal: o diálogo com Empédocles, o diálogo de Empédocles com a tradição, seu esforço de compreensão dialógica do bem e do mal, como se o que valesse para a Grécia Clássica devesse valer naquele momento histórico em que ele escreveu sua análise dos poemas empedocleanos, como se a

<sup>1</sup> PLATÃO. *Carta VII*, 328c5-8: “... μή δόξαιμί ποτε ἑμαυτῷ παντάπασι λόγος μόνον ἀτεχνῶς εἶναι τίς, ἔργου δὲ οὐδενὸς ἄν ποτε ἐκὼν ἀνθρώπασθαι, κινδυνεύσειν δὲ προδοῦναι πρῶτον μὲν τὴν Δίωνος ξενίαν τε καὶ ἑταιρίαν ἐν κινδύνοις ὄντως γεγονότος οὐ σμικροῖς.

coalescência entre *lógos* e *érgon*, defendida nos diálogos platônicos, pudesse ser, em qualquer tempo, um valoroso antídoto contra as tiranias.

Entre os artigos que compõem o v.7-8 de *Kléos*, apresentamos, primeiramente, duas análises rigorosas e sagazes acerca do sofrimento na condição humana, seguidas da discussão da clássica querela entre Filosofia e Poesia nos diálogos platônicos.

A primeira, apresentada por Antônio Orlando de O. Dourado Lopes, nos traz uma reflexão acerca do mito de Hércules, detendo-se nas variantes da figura do herói, de seu sofrimento frente às provas que lhe são impostas, e, analisando na *Iliada* as ocorrências de *áthlos*, concluirá que a associação das provas do herói ao termo *pónos* dar-se-á apenas na época clássica, refletindo, assim, uma mudança de mentalidade onde a associação entre esforço e sofrimento estarão estreitamente ligados.

Na segunda, voltando-se para a *Odisséia*, Teodoro Rennó Assunção deter-se-á em duas passagens da *Odisséia*, VII, 216 e XVII, 286, onde o termo *gastér*, em um de seus sentidos, *estômago*, é analisado a partir de sua proximidade com os adjetivos “funesto” (*stýgeré*) e “ultra-cão” (*keýnteron*), usado “como sinédoque da condição humana”. Nesse sentido, as características de nossa condição – a mortalidade, a dor, o sofrimento, a fome –, que distinguem os homens dos deuses, estarão manifestas na “necessidade de comer” inferida nas duas passagens estudadas.

A seguir, Lucas Soares, admitindo que a crítica de Platão à poesia supõe uma concepção negativa, aquela que é defendida na *República*, e uma positiva, exposta no *Fedro*, procurará mostrar que a questão não pode ser vista de modo unívoco, mas que por detrás dessa crítica está a configuração de um “novo paradigma poético de tipo platônico”, isto é, a possibilidade de uma “poesia filosófica”.

A essas análises acrescentamos, na seção de Recensões Bibliográficas, a leitura de Alice Bitencourt Haddad da obra *Le monde de la politique: sur le récit atlante de Platon*, de Jean-François Pradeau, onde serão discutidas as dificuldades oriundas das particularidades do *Crítias* em relação a seu valor filosófico e à análise do estatuto diegético do diálogo.

Por fim, faz-se necessário um agradecimento público à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ, pelo apoio financeiro, e à Gráfica da UFRJ e seus funcionários, em especial a Carla Aldrin e Luis Ricardo A. Queiroz, que, com solicitude e elegância,

possibilitaram a superação das muitas dificuldades surgidas ao longo do trabalho de editoração de *Kléos*, contribuindo, assim, para a edição de mais um número de nossa revista.

*A Comissão Editorial*